



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

JOYCE MIRELI DA SILVA FAUSTINO

**NO COMPASSO DO TEMPO: MEMÓRIA E IDEOLOGIA NA IMPRENSA
PARAIBANA DO SÉCULO XX A PARTIR DA PERSPECTIVA INFOMEMORIAL**



**JOÃO PESSOA
2026**

JOYCE MIRELI DA SILVA FAUSTINO

**NO COMPASSO DO TEMPO: MEMÓRIA E IDEOLOGIA NA IMPRENSA
PARAIBANA DO SÉCULO XX A PARTIR DA PERSPECTIVA INFOMEMORIAL**

Artigo apresentado ao curso de graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Prof^a Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

JOYCE MIRELI DA SILVA FAUSTINO

**NO COMPASSO DO TEMPO: MEMÓRIA E IDEOLOGIA NA IMPRENSA
PARAIBANA DO SÉCULO XX A PARTIR DA PERSPECTIVA INFOMEMORIAL**

Artigo apresentado ao curso de graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

Aprovado em: 27 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora- DCI/UFPB

Profª Drª Ana Cláudia Medeiros de Sousa
Examinadora- DCI/UFPB

Mestra Karina Ceci de Sousa Holmes
Examinadora- DCI/UFPB

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F268n Faustino, Joyce Mireli da Silva.

No compasso do tempo: memória e ideologia na
imprensa paraibana do século XX a partir da perspectiva
infomemorial / Joyce Mireli da Silva Faustino. - João
Pessoa, 2026.
31 f.

Orientação: Bernardina Maria J. Freire de Oliveira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Imprensa paraibana. 2. Memória jornalística. 3.
Perspectiva infomemorial. 4. Biblioteconomia. I.
Oliveira, Bernardina Maria J. Freire de. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 02(043)

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo a Deus, que, em sua infinita bondade, plantou em mim um sonho e me deu forças para alçar voos que me permitiram alcançá-lo.

Aos meus pais, Maria Faustino e José Faustino, que, mesmo sem terem tido as mesmas oportunidades de estudo que eu, sempre me incentivaram a seguir o caminho da educação. Apesar da dor da distância, jamais cortaram minhas asas, permitindo que eu buscasse um futuro melhor. Que esta formação represente a felicidade que sempre desejaram para mim e que, por meio dela, eu possa retribuir tudo o que fizeram por mim. Com amor, sua filha lhes dedica!

Aos meus irmãos, Karol Faustino e Arthur Faustino, sementes de amor em minha vida, que constantemente ressignificam minha existência e me inspiram a ser uma pessoa melhor. A irmã mais velha estará sempre na primeira fileira da arribancada da vida por vocês!

À minha noiva, Rafaela Mayara de Oliveira, com quem tenho a honra de dividir a vida. Agradeço pelo apoio constante, pela confiança e pelo amor que foram fundamentais em cada etapa desta caminhada. Obrigada por ser meu porto seguro e por acreditar em mim, muitas vezes, mais do que eu mesma. No dizer de Guimarães Rosa, “qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”. Minhas conquistas também são suas. Te amo!

Aos meus familiares, que acreditam em mim, muitas vezes, mais do que eu mesma. Em especial, aos meus primos, Pietro Faustino e Pâmila Faustino, pelo apoio constante e incentivo, por alegrarem meus dias e serem amparo mesmo diante da distância. Jamais serei grata o suficiente por tê-los em minha vida. Muito obrigada! Esta conquista também é de vocês.

As minhas tias Patrícia Lima e Vera Faustino, pelo acolhimento, fé e amor, desde minha chegada a João Pessoa.

Àquelas que se foram, mas deixaram suas marcas de amor em minha trajetória: minha avó materna, Antônia Rocha, minhas tias Lindinalva Alves e Francisca Faustino (in memorian).

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Bernardina Freire, por despertar em mim, ainda em Maceió, assistindo às aulas remotas durante a pandemia, o amor pelo nosso curso e pelo nosso ofício. Suas aulas inspiraram não apenas a mim, mas uma turma inteira, como tantas outras ao longo de sua trajetória. Sua paixão e dedicação em tudo que se propõe são inspiradoras. Ter sido sua aluna, bolsista PIBIC e orientanda é um privilégio que guardo com profunda gratidão. Obrigada pelo seu abraço que acolhe por sua generosidade e por sua partilha, aprendo a cada vez que sigo suas orientações, Prof.^a Berna.

A banca examinadora, formada por Ana Medeiros de Sousa e Karina Ceci de Sousa Holmes, recebe minha sincera gratidão pela generosidade no aceite e pela valiosa contribuição na avaliação deste estudo. Para mim, é motivo de profunda alegria contar com uma banca composta por mulheres tão comprometidas com o

campo da memória, que tornaram essa finalização de curso tão gratificante, leve e significativa. Muito obrigada!

Ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas, à coordenação do curso de Biblioteconomia, ao Departamento de Ciência da Informação, aos professores que contribuíram para minha formação em especial às professoras Bernardina Freire, Elizabeth Baltar, Alzira Karla, Geysa Flávia, Gisele Cortês, Isa Freire (in memorian), Edna Pinheiro, e aos professores Edvaldo Carvalho, Guilherme Ataíde, Carlos Xavier e funcionários que contribuíram para minha formação, meu agradecimento.

À Faculdade de Enfermagem São Vicente de Paula (FESVIP), e à supervisora Sandra Fernandes, pela primeira oportunidade de estágio em Biblioteconomia e pelo amor em ensinar e partilhar seus saberes da Biblioteconomia e da vida comigo. Muito obrigada!

Ao Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO), pelo profundo aprendizado acerca das culturas populares e tradicionais durante meu estágio voluntário; à equipe da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), pelas oportunidades concedidas de aprendizado, à bibliotecária Lena Leite, e aos extensionistas, pelo acolhimento e carinho com que me receberam. Muito obrigada!

À amiga que o curso me deu, Aparecida Clemente, cuja amizade foi um presente do meio ao final da graduação. Jamais esquecerei sua generosidade, alegria e parceria; sempre torcerei pelo seu sucesso, pois você o merece, minha amiga.

Aos colegas de curso que contribuíram, de alguma forma, durante minha caminhada. Muito obrigada!

A colega de Pesquisa de Iniciação Científica, Paloma Kézia, pois enquanto eu fazia o século XX, ela fazia o XIX. Muito obrigada!

Ao querido Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), por me acolher de forma generosa e por me revestir, a cada encontro e a cada partilha, de uma nova pele de conhecimento. Vocês são inspirações. Que possamos seguir no fazer ciência sem soltar a mão de ninguém!

Por fim, agradeço à Universidade Federal da Paraíba, meu lar acadêmico, às políticas de assistência estudantil, especialmente à Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PRAPE), à Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ) e ao Conselho Nacional de Pesquisa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), pelo incentivo à pesquisa que possibilitou minha permanência, a conclusão do curso e a escrita do anteprojeto de mestrado. Aonde eu chegar, levarei comigo o amor que transpassa os muros desta universidade. Viva o ensino público de qualidade!

NO COMPASSO DO TEMPO: MEMÓRIA E IDEOLOGIA NA IMPRENSA PARAIBANA DO SÉCULO XX A PARTIR DA PERSPECTIVA INFOMEMORIAL

Joyce Mireli da Silva Faustino¹

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira²

RESUMO

Este estudo analisa a imprensa paraibana do século XX sob a perspectiva da memória social e da Ciência da Informação, compreendendo os periódicos impressos como registros infomemoriais que materializam discursos, representações e práticas sociais de seu tempo. Parte-se do pressuposto de que os jornais ultrapassam a função informativa, configurando-se como suportes documentais que participam da construção e da circulação da memória coletiva. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como exploratória e qualitativa, fundamentada em levantamento bibliográfico, com abordagem descritiva, análise documental e visitas *in loco* a instituições de salvaguarda da imprensa no estado da Paraíba. Os resultados evidenciam a diversidade narrativa e ideológica presente nos periódicos, bem como a relevância desses acervos para a compreensão histórica e cultural regional. Observou-se, ainda, a fragilidade das condições de preservação de parte significativa dos exemplares, o que reforça a necessidade de ações sistemáticas de conservação e políticas institucionais voltadas à salvaguarda desse patrimônio documental. Conclui-se que a Biblioteconomia desempenha papel central na mediação entre memória, documento e acesso à informação, contribuindo para a preservação da memória jornalística e para a democratização do conhecimento sobre a história da imprensa paraibana.

Palavras-chave: imprensa paraibana; memória jornalística; perspectiva infomemorial; Biblioteconomia; preservação documental.

¹ Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação e Patrimônio. E-mail: mirelifaustino@gmail.com

² Doutora em Letras, Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba. Email: bernardinafreire@gmail.com.

IN THE RHYTHM OF TIME: MEMORY AND IDEOLOGY IN THE PARAÍBA PRESS OF THE 20TH CENTURY FROM AN INFOMEMORIAL PERSPECTIVE

ABSTRACT

This study analyzes the Paraíba press of the 20th century from the perspective of social memory and Information Science, understanding printed periodicals as infomemorial records that materialize the discourses, representations, and social practices of their time. It is based on the assumption that newspapers go beyond their informative function, configuring themselves as documentary supports that participate in the construction and circulation of collective memory. Methodologically, the research is characterized as exploratory and qualitative, grounded in bibliographic research, with a descriptive approach, documentary analysis, and *in loco* visits to institutions responsible for safeguarding press collections in the state of Paraíba. The results highlight the narrative and ideological diversity present in the periodicals, as well as the relevance of these collections for regional historical and cultural understanding. It was also observed that the preservation conditions of a significant portion of the copies are fragile, reinforcing the need for systematic conservation actions and institutional policies aimed at safeguarding this documentary heritage. It is concluded that Library Science plays a central role in mediating memory, document, and access to information, contributing to the preservation of journalistic memory and to the democratization of knowledge about the history of the Paraíba press.

Keywords: paraíba press; journalistic memory; infomemorial perspective; Library science; documentary preservation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registro de jornais impressos que circularam na Paraíba no século XX	14
Figura 2 – Periódico <i>A Voz do Dia</i> (1945), em circulação no século XX na cidade de Campina Grande	15
Figura 3 – Periódico <i>Correio da Paraíba</i> (1953), 13 de dezembro de 1984.....	17
Figura 4 – Diversidade tipológica e narrativas discursivas presentes nos jornais impressos que circularam na Paraíba ao longo do século XX.....	23
Figura 5- – Panorama tipológico e ideológico da imprensa paraibana	24

SUMÁRIO

1 PÁGINAS DA MEMÓRIA.....	10
2 PARAÍBA: IMPRENSA E VIDA	13
3 JORNAIS IMPRESSOS: REGISTROS INFOMEMORIAIS	19
3.1 MEMÓRIA E SEUS ASPECTOS CONCEITUAIS.....	19
3.2 O JORNAL IMPRESSO ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA.....	21
4 IDEOLOGIA DA IMPRENSA: FAZERES JORNALÍSTICOS... ..	22
4.1 PANORAMA IDEOLÓGICO DA IMPRENSA PARAIBANA.....	23
5 A PERSPECTIVA INFOMEMORIAL NA BIBLIOTECONOMIA.....	25
6 NO COMPASSO DO TEMPO: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

1 PÁGINAS DA MEMÓRIA

“Através da escrita é possível representar um tempo passado e manter viva a memória de algo que transpassa o simples fato de ter existido [...]”.
(Oliveira et al., 2019, p.102).

No Brasil, desde o século XIX até o século XX, a imprensa não era utilizada como uma fonte fiel capaz de estabelecer, de forma empírica, a clareza dos fatos e dos enunciados. Os periódicos não eram tratados como objetos de estudo, tampouco como fontes históricas, como nos assegura Marco Morel (2007, p.17), ao afirmar que não eram compreendidos como “registro destinados a comprovar aquilo que se dizia ou que, de fato, havia ocorrido”. Nesse contexto, a escolha por analisar periódicos impressos fundamenta-se tanto na efemeridade da sociedade contemporânea quanto no propósito de preservar e prospectar o “agora”, que rapidamente tornou-se “ontem”.

Além disso, o recorte no século XX, justifica-se pelo expressivo desenvolvimento da atividade jornalística nesse período, acompanhando os processos de urbanização e de consolidação da imprensa enquanto campo social. Tal crescimento foi também impulsionado pela regulamentação da profissão por meio do Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que oficializou o exercício do jornalismo e contribuiu para a constituição de uma imprensa mais madura, consistente e reativa. Na Paraíba, de acordo com os apontamentos históricos de (José Leal, 1978, p. 9), ao longo do século XX, a imprensa paraibana passou por um processo significativo de transformação em seus fazeres jornalísticos, adotando uma função que ultrapassava a simples difusão de notícias.

Para o autor, “o jornal tem cumprido uma missão educadora, criando o hábito da leitura e servindo de veículo das reivindicações da comunidade”. Consoante a José Leal, à época o jornal configurava-se como uma das poucas formas pelas quais a literatura conseguia alcançar a população menos favorecida, contribuindo para a formação do hábito de leitura, privilégio até então, restrito àqueles que dispunham de recursos financeiros. Tal realidade era ainda mais evidente em contextos sociais nos quais outros meios de acesso ao conhecimento, como o livro, cuja circulação e apropriação estiveram historicamente vinculadas a práticas sociais específicas e determinados grupos, conforme discute Roger Chartier (1998), permaneciam inacessíveis a grande parte da população. Além disso, ao se constituir como espaço de manifestação das demandas sociais, os periódicos não apenas

informavam, mas também assumiam posicionamentos críticos, contribuindo para a existência de uma imprensa informativa e ideologicamente combativa.

A transição do século XIX para o século XX representa ainda, a expansão do periodismo para o interior, ampliando o alcance da imprensa paraibana para além dos grandes centros. Outro aspecto percebido acerca do periodismo paraibano do século XX, se deu a partir da Pesquisa de Iniciação Científica intitulada “*Escritos e Escritores da História: Memória dos Jornais Impressos e Jornalistas na Paraíba dos Séculos XIX e XX*”³, desenvolvida nos semestres 2024.1 a 2025.1 e financiado pelo edital 01/2024 da Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ), em parceria com a Universidade Federal da Paraíba e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico.

A pesquisa teve como objetivo investigar o jornalismo impresso paraibano no século XX enquanto veículo informacional e memorialístico. Tendo à diversidade ideológica presente em seus periódicos a exemplo do jornal de matriz africana *Umbanda no Lar* (1977), criada pela Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba sob a responsabilidade do Sr. Carlos Leal Rodrigues, que se constituiu não apenas como um veículo informacional de uma religião historicamente marginalizada, mas também como espaço de resistência, visibilidade e disseminação de saberes e práticas relacionadas aos Cultos de Matriz Afro-Brasileira na Paraíba.

O que nos permite compreender que esses periódicos passaram a funcionar como espelhos de seu tempo e extensores de memória ao registrar o cotidiano social, e preservar marcas da história local em um período marcado por profundas transformações políticas, sociais, e culturais ocorridas na Paraíba. Nesse sentido, a escolha por analisar os jornais impressos paraibanos do século XX, justifica-se pela relevância de compreender a imprensa como, “lugar de memória”, conforme afirma Pierre Nora (1993, p.13), espaço no qual o suporte impresso e as narrativas jornalística se entrelaçam na construção de uma possível identidade paraibana.

Nessa esteira, torna-se necessário compreender que a memória construída pelos jornais impressos não se dá de forma neutra, mas é atravessada por posicionamentos ideológicos que influenciam a seleção, a organização e a circulação de informações presentes em cada periódico.

³ Projeto de autoria da Prof. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira do qual fui aluna bolsista.

Apesar da relevância histórica da imprensa paraibana, ainda são escassos os estudos que a analisam sob a perspectiva bibliotecária, especialmente no que se refere às relações entre memória, ideologia e os processos de preservação da informação. Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa contribui para a Biblioteconomia ao evidenciar a necessidade de salvaguarda de registros infomemoriais que compõem a identidade paraibana, considerando que, conforme define Edson Nery da Fonseca (2007), a Biblioteconomia constitui-se como o campo responsável pela organização, preservação e difusão do conhecimento registrado.

Para além disso, a análise assume relevância social ao destacar a diversidade ideológica desses periódicos, conferindo visibilidade a jornais combativos que, por meio de sua existência também representaram resistência em manter viva a dignidade de seus fazeres jornalísticos. Diante desse contexto, questiona-se: de que maneira as ideologias veiculadas nos periódicos paraibanos do século XX influenciam os processos de construção e representação da memória da imprensa, sob a perspectiva infomemorial? Assim, este artigo tem como objetivo analisar como a memória da imprensa paraibana do século XX é construída e atravessada pelas ideologias presentes nos periódicos, sob a perspectiva infomemorial da Biblioteconomia.

No percurso metodológico, a pesquisa foi desenvolvida a partir do levantamento de um acervo composto por 250 títulos de jornais que circularam na Paraíba durante o século XX, contemplando a análise de 850 edições digitalizadas, resultantes da pesquisa de Iniciação Científica (2024–2025). O corpus foi constituído, ainda, por meio de visitas realizadas *in loco* a instituições de memória tais como: Arquivo Público do Estado da Paraíba (APEPB), Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba (CÚRIA), Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDHIR).

Localizadas na cidade de João Pessoa, que mantém a salvaguarda de acervos de jornais impressos, bem como pela coleta de dados em bases de dados digitais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Que de acordo com (Cervo, Bervian e Silva, 2007, p. 64), a pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e busca descobrir as relações existentes entre seus elementos e componentes.

² Empastelamento: "Consiste em uma forma violenta de impor o silêncio a um jornal ou publicação noticiosa, por meio de destruição de seus equipamentos, podendo ser comparado a um "linchamento aplicado a uma imprensa". (Dines, 2006, online).

Ainda na concepção dos autores, a pesquisa também apresenta características descritivas, pois “[...] observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los [...]”, tendo a coleta de dados como uma de suas etapas fundamentais, segundo (Cervo; Bervian; Silva, 2007, p. 61).

Para além de exploratória e descritiva, caracteriza-se também como pesquisa documental, cuja especificidade se pauta no tipo de documento utilizado. Nesse caso, Elisabeth Pádua (1997, p. 62), “[...] é aquela realizada a partir de documentos contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizado nas ciências, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências. Adota-se como princípio de análise documental compreendida por Julio Aróstegui (2006, p. 508, grifo nosso), que consiste em um “[...] conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicações de um determinado tipo histórico.

2 PARAÍBA: IMPRENSA E VIDA

A imprensa da paraibana surge em 1826, com a criação do primeiro jornal paraibano, intitulado *Gazeta da Paraíba do Norte*, impresso na Typografia Nacional da Parahyba. À época, os leitores dispunham de um periódico com 19 páginas. O jornal era administrado pelo inglês Waller S. Bardmand e teve como fundador o então Coronel Alexandre Francisco Seixas Machado, apontado como introdutor da imprensa no estado da Paraíba, conforme Eduardo Martins (1976). Quanto ao registro do primeiro periódico a circular na paraíba do século XX, de acordo com José Leal (1978), Fátima de Araújo (1986) e Gilson Maior (2023), sugere-se que o *Estado da Paraíba* (1901) e *Monoculo* (1902), teriam sido os pioneiros nesse período.

Contudo, com base nos dados levantados nesta pesquisa, *O Lapis* (1901) configura-se como o primeiro periódico do século XX, publicado na cidade de Bananeiras, no brejo paraibano. Sua circulação ocorreu na segunda década do regime republicano na Paraíba, no início do século XX, período marcado por graves atentados

à liberdade de imprensa no Estado, a exemplo do empastelamento⁴ dos periódicos: *O Commercio e o Combate* (1902), em decorrência de posicionamentos contrários ao governo do então presidente estadual José Peregrino de Araújo. Tal episódio revela que a imprensa, para além do simples registro dos acontecimentos, participava ativamente das disputas ideológicas de seu tempo, influenciando aquilo que era divulgado, silenciado ou preservado como memória coletiva, que tem sua construção social produzida no interior dos grupos, assim como assinala Maurice Halbwachs (2006). A figura 1 apresenta alguns dos impressos que circularam na Paraíba no século XX.

Figura 1- Registro de jornais impressos que circularam na Paraíba do século XX.



Fonte: Acervo resultante da pesquisa, 2024-2025.

Ao longo do século XX, a Paraíba apresentou um periodismo plural e diverso, cuja memória merece ser compartilhada e preservada. Diversos jornais circularam em território paraibano nesse período, cujas características revelam múltiplos aspectos possíveis de análise, uma vez que cada periódico contava a sua própria história, ora expressa em seus editoriais ora presente nas escritas de suas páginas. Conforme os dados levantados na pesquisa até o momento contabilizam-se 250 títulos de jornais impressos, dos quais 142 puderam ser analisados. Muitos desses periódicos

⁴ Empastelamento: "Consiste em uma forma violenta de impor o silêncio a um jornal ou publicação noticiosa, por meio de destruição de seus equipamentos, podendo ser comparado a um "linchamento aplicado a uma imprensa". (Dines, 2006, online).

mantiveram títulos de jornais semelhantes ao do século XIX, atravessando a transição para o século XX, ou surgiam e depois entravam em hiatos, conforme observa Fátima Araújo (1986, p.78), tratava-se de jornais que “[...] surgiam, desapareciam, e depois ressurgiam em décadas diferentes, muitas vezes dentro da mesma filosofia, outras, de formas inteiramente opostas”.

Um exemplo dessa dinâmica é o periódico *A Voz do Dia* (1945), fundado pelo Juiz José Demétrio, figura de grande prestígio na sociedade campinense. Na primeira página do impresso, seu *slogan* apresentava-se como “Órgão Antifacista”, evidenciando sua orientação editorial inicial. Posteriormente, em razão do afastamento do juiz, a senhora Nazir Pinto da Silva assumiu a direção do jornal, que passou a adotar o *slogan*, “Órgão de interesses populares”.

Em 1954, com o retorno de José Demétrio ao comando do jornal, na época candidato ao Senado, o jornal assume uma nova orientação política, expressa no *slogan*: “A Voz do Dia- Reivindica os direitos do povo”. Essas mudanças reforçam que os jornais não se caracterizam-se como espaços neutros, mas como instâncias de expressão política e ideológica, cujos discursos variavam conforme os seus dirigentes, interesses e contextos históricos. A figura 2, expõe o impresso que circulava em Campina Grande-PB no século XX.

Figura 2: Periódico *A Voz do Dia* (1945), em circulação no século XX na cidade de Campina Grande-PB.



Fonte: Acervo resultante da pesquisa, 2024–2025.

Essa dinâmica revela tanto a instabilidade material do fazer jornalístico quanto a persistência de projetos editoriais vinculados a diferentes ideologias, interesses e contextos históricos. Além da diversidade editorial e ideológica que marcou o periodismo paraibano ao longo do século XX, destaca-se o reconhecimento alcançado por alguns periódicos em âmbito nacional. A Paraíba contou com jornais de expressiva relevância cultural, a exemplo do *Correio das Artes* (1949), que durante a gestão de Castro Pinto, recebeu, em 1981, o prêmio de “Melhor Divulgação Cultural em 81”, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Tal reconhecimento evidencia que a produção jornalística paraibana ultrapassava os limites regionais, projetando-se como referência no campo cultural. Atualmente, o *Correio das Artes* ainda circula como suplemento literário de *A União*, não mais no formato de jornal, mas em formato de revista, mantendo-se sob a responsabilidade do próprio periódico, o que evidencia permanências e ressignificações no campo editorial paraibano. O periódico *Correio da Paraíba* (1953), destacou-se na década de 1960 como um dos principais jornais do estado, especialmente no contexto de intensificação a censura durante o regime civil-militar.

De acordo com Fátima Araújo (1986, p. 290), o periódico, mesmo diante das restrições impostas, “se não podia gritar, também não se encolhia”, demonstrando expressiva independência político-ideológica. Ainda que identificado como conservador, assumiu postura combativa em determinados momentos, tornando-se uma das vozes mais expressivas da imprensa pessoense. Em razão desse posicionamento, o jornal sofreu represálias. Um episódio marcante foi o assassinato do jornalista e diretor-presidente do Sistema de Correio de Comunicação, Paulo Brandão, em 13 de dezembro de 1984. O crime foi considerado como mais um atentado à liberdade de imprensa e à atuação de jornalistas no estado. A figura 3 exhibe o exemplar que destaca o assassinato do jornalista Paulo Brandão em 1984.

Figura 3- Periódico Correio da Paraíba, edição de 14 de dezembro de 1984.



Fonte: Arquivo online do Portal Correio (2023). Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/jornalista-paulo-brandao-foi-assassinado-ha-39-anos-em-joao-pessoa/>.

No entanto, com o endurecimento da censura a partir de 1968, os limites à liberdade de imprensa tornaram-se mais evidentes. A impossibilidade de abordar diretamente determinadas questões nacionais levou às publicações de matérias que retiravam o foco da realidade política brasileira, como reportagens sobre eventos internacionais, a exemplo da visita da Rainha Elizabeth II ao Brasil. Nesse contexto, demonstra como as condições políticas interferiam na construção discursiva dos jornais, influenciando aquilo que poderia ou não ser publicado. Nesse cenário, reforça-se a centralidade do editorial enquanto espaço de posicionamento e identidade do periódico. Como nos assegura Fátima Araújo (1986, p. 323), que “um jornal sem editorial é um jornal sem opinião”, evidenciando que o editorial constitui lugar de manifestação ideológica do periódico.

No mapeamento do periodismo paraibano do século XX, um aspecto que se impôs como relevante foi a lacuna relacionada à participação feminina na imprensa. A análise dos periódicos identificados revela a predominância de jornalistas homens como fundadores, editores e colaboradores, evidenciando a invisibilidade das participações de mulheres nos fazeres jornalísticos. Autoras como Michelle Perrot

(2013), Simone Beauvoir (1949) e Constância Duarte (2026), reforçam a importância de compreender que tal ausência não deve ser interpretada, como inexistência de atuação feminina, mas como resultado de relações sociais, culturais e ideológicas que historicamente limitaram o acesso das mulheres aos meios de produção literária.

Como nos assegura Luzia Rago (2013), ao discutir as “escritas de si”, entendidas como testemunhos femininos, essas narrativas constituem como uma leitura fundamental para pensar a constituição história e social no século XX. Nesse sentido, a escassez de registros femininos nos jornais impressos também se caracteriza como um dado memorial relevante, uma vez que aponta para processos de silenciamento e exclusão que atravessam a construção da memória social, marcada tanto pelo que é registrado quanto pelo que é omitido.

Entre os periódicos identificados, destacam-se jornais de natureza literária e crítica, como *O Monoculo* (1902) de Leonardo Smitch, que trazia colunas de cunho informativo, crônica, e versos poéticos; humorísticos, como *O Pirulito* (1933) de Rufino & Moraes; pertencentes a igreja católica, como *Voz da Mocidade* (1904) de Theodoro de Souza; agrícolas, como *O Instructor* (1906) de Pereira Pacheco; políticos e noticiosos como *A República* (1907) de Antônio Alfredo da Gama e Melo; culturais como o suplemento de *A União*, *Correio das Artes* (1949), e publicações vinculadas a órgãos estatais, como o Boletim de Cultura (1959) da Secretaria de Cultura.

O periodismo paraibano alcançou diferentes regiões do estado, da Zona da Mata ao Alto Sertão, embora grande parte dessas publicações tenha apresentado por existência efêmera especialmente no interior. Um exemplo é o periódico *O Observador* (1955), de Cajazeiras-PB, que circulou por apenas um ano e produção de 12 números sob a responsabilidade do professor José Pereira de Souza. Segundo Francisco Cartaxo (2012), tratava-se de “um jornal idealista e visionário de cunho literário e noticioso, exibia poucos textos assinados, mas se compreendia como noticiário da paraíba”. Ainda que pouco conhecido ou esquecido, esse periódico deixou marcas significativas na história da imprensa paraibana.

Assim, ao mapear o surgimento, a diversidade e a circulação dos jornais impressos na Paraíba ao longo do século XX, foi possível evidenciar que a imprensa

não pode ser entendida apenas como um conjunto de publicações ou como mero registro de acontecimentos, mas como um importante suporte de memória social. Compreender que o jornal segundo José D' Barros (2023), “não deve ser concebido como um veículo passivo e neutro de informação, mas como um sistema capaz de produzir e difundir discursos, instaurando um processo comunicacional que nada tem de neutro, o que nos permite compreender sua atuação como agente e instrumento capaz de interferir na história”. Desse modo, os jornais podem ser compreendidos como documentos informacionais e memoriais, cuja análise possibilita refletir sobre os processos de construção da memória jornalística.

3 JORNAIS IMPRESSOS: REGISTROS INFOMEMORIAIS

Neste item, o percurso teórico que constitui a espinha dorsal da pesquisa, fundamentado no diálogo com autores de referência, em âmbito nacional e internacional, no campo dos estudos da memória. Esses aportes teóricos sustentam o desenvolvimento deste trabalho e se ancoram nas contribuições de Nora (2012), Joël Candau (2016), Maurice Halbwachs (2006) e Éclea Bosi (2003), que possibilitam compreender a memória como um fenômeno social, histórico e culturalmente construído. Tal compreensão é essencial para análise dos jornais impresso enquanto registros infomemoriais, conceito discutido no campo da Ciência da Informação pela professora Bernardina Freire (2025), ao considerar a informação como uma parte que constitui da memória social.

3.1 MEMÓRIA E SEUS ASPECTOS CONCEITUAIS

Ao iniciar essa discussão teórica, não se pretende esgotar a pluralidade conceitual que atravessam o campo da memória, mas apresentar os principais aportes que contribuem para a compreensão do conceito no contexto deste estudo. Nesse sentido, Joël Candau (2016), ao discutir as relações entre memória identidade, assegura que esses conceitos são fundamentais para qualquer um que tenha algum interesse no campo das Ciências Humanas e Sociais, evidenciando a relação desses dois campos do conhecimento como importante instrumento de compreensão dos processos sociais e culturais.

No âmbito da imprensa, tais processos manifestam-se por meio da produção de narrativas que contribuem para a formação de identidades sociais e coletivas, como ocorre no contexto da sociedade paraibana. Jornais participam da construção da sociedade paraibana. A partir dessa perspectiva, a relação entre imprensa e memória emerge como uma discussão de natureza interdisciplinar, situada entre a História, o Jornalismo e a Ciência da Informação, uma vez que os jornais atuam como mediadores na construção, na circulação e na fixação de sentidos sobre o passado.

Partindo desse pressuposto, através dos estudos do sociólogo Maurice Halbwachs (2006), compreende-se que a memória coletiva se constrói no interior de grupos sociais que orientam, selecionam e atualizam as lembranças, tornando-a indissociável das relações sociais que lhe dão sentido. Nesse contexto, o jornal, enquanto fonte histórica e documental, resguarda os acontecimentos de uma época na materialidade de suas páginas por meio das narrativas presentes em seus discursos. Ao registrar tais eventos, os periódicos não apenas os documentam, mas contribuem para a preservação da memória coletiva dos acontecimentos que ocorreram no Estado.

Além de possibilitar que jornalistas e colaboradores “expressem” suas visões de mundo por meio de sua escrita, inscrevendo suas perspectivas nos seus discursos. No dizer de Éclea Bosi (2003, *apud* Lobato 2014, p.8), afirma que “a memória também pode nos ajudar a compreender amplamente a sociedade em que estamos e sua mudança no decorrer do tempo”. Nesse percurso, o jornal impresso configura-se como um importante suporte de memória social, uma vez que, por meio de suas páginas, acompanha as mudanças do cotidiano, registrando seus acontecimentos, discursos e práticas sociais. Essa característica permite compreendê-lo não apenas como veículo de informação, mas como documento informacional e memorial, cuja análise possibilita refletir os processos de construção e transformação da sociedade ao longo do tempo.

No âmbito da Ciência da Informação, os jornais podem ser compreendidos como registros infomemoriais, de acordo com o conceito de Oliveira (2025, p.15), ao considerar que “esses legados culturais ou infomemoriais podem compor o que denominamos de egodocumentos, capazes de revelar, por meio de uma escrita de si,

a trajetória de pessoas, de famílias ou de instituições, que sejam de caráter público ou privado”. Nesse sentido, os jornais impressos apresentam, em seus editoriais e narrativas, verdadeiras escritas de si, que revelam não apenas as trajetórias de seus jornalistas e colaboradores, mas também os posicionamentos ideológicos que atravessam suas produções discursivas. Esses registros permitem ao leitor “ler o passado no presente”, ao mesmo tempo em que reforçam a necessidade de preservação desses documentos, a fim de garantir a continuidade e o acesso à memória jornalística.

3.2 O JORNAL IMPRESSO ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA

Ao tratar o jornal impresso como lugar de memória destacamos a obra de Pierre Nora (1993), em *Entre a memória e história: a problemática dos lugares*, introduz o conceito de lugares de memória, ao defini-los como espaços simbólicos nos quais a memória se cristaliza e se preserva diante das transformações da modernidade. Esses lugares emergem quando a memória viva, transmitida no cotidiano, corre o risco de desaparecer, necessitando de suportes materiais capazes de salvaguardar os vestígios do passado. Ao afirmar que [...] há locais de memória porque não há mais meios de memória”, (Nora, 1993, p. 7), o autor destaca que arquivos, museus e jornais, constituem-se como dispositivos fundamentais para a preservação da memória coletiva. E corrobora ao afirmar que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado [...] (Nora, 1993, p. 9).

Ao distinguir memória e história, Pierre Nora (1993), ressalta que a memória é um fenômeno vivo, sustentado pelos grupos sociais e constantemente atravessado por transformações, usos e manipulações, ao passo que a história se configura como uma reconstrução daquilo que já não existe mais. Essa compreensão possibilita interpretar o jornal como um espaço no qual a memória social se materializa,

permanecendo aberta a processos de esquecimento, e ressignificação ao longo do tempo.

No contexto da imprensa, a memória encontra-se na materialidade do papel e nas narrativas jornalísticas, que, embora atravessada por disputas e interesses ideológicos, preservam experiências vividas e representações sociais de seu tempo. Assim, o jornal impresso assume um papel central como suporte informacional e memorial, contribuindo para a construção, circulação e preservação da memória social.

4 IDEOLOGIA DA IMPRENSA: OS FAZERES JORNALÍSTICOS

Segundo Milka Rezende, a etimologia da palavra ideologia vem do francês *idéologi*, combinando o grego *idéa* (forma, aparência, ideia) e *lógia* (estudo, tratado, discurso), significando literalmente os “estudos das ideias”. O termo foi cunhado no final do século XVIII por Antonie Destutt de Tracy, sendo originalmente concebido como uma noção científica voltada à compreensão da chamada “ciência das ideias”.

Posteriormente, a noção de ideologia assumiu novos sentidos, sobretudo a partir das contribuições de Karl Marx, para quem a ideologia corresponde às formas de consciência social. No âmbito da imprensa, a ideologia manifesta-se de maneira inerente à produção e à circulação da informação. Conforme nos assegura Fátima de Araújo essa presença não se restringe aos espaços opinativos, mas atravessa todo o fazer jornalístico:

[...] portanto, está implícita no comportamento de qualquer órgão, qualquer ser, esclarecido. Daí que a ideologia aparece naturalmente, mesmo que o seu portador não o sinta. E se tratando de jornais, não é apenas através de todas as suas páginas, sejam elas informativas ou opinativas. (Araújo, 1986, p. 335).

Tal compreensão aproxima-se das reflexões de Nelson Traquina (2005), para quem a notícia não constitui um espelho neutro da realidade, mas uma construção social resultante de rotinas produtivas. Nessa perspectiva, o jornal não apenas relata acontecimentos, mas participa ativamente da produção de sentidos sobre eles, contribuindo para a formação de percepções sociais, identidade coletivas e memórias

compartilhadas. Destacamos na figura 4, narrativas presentes nos jornais impressos o quais nos releva uma diversidade tipológica que marcou uma época.

Figura 4: Diversidade tipológica e narrativas discursivas presentes nos jornais impressos que circularam na Paraíba ao longo do século XX.

ANÁLISE DE EDITORIAIS	NARRATIVAS PREDOMINANTES	ANO	REFERÊNCIAS
ANÚNCIOS	COMÉRCIO, PRODUTOS E SERVIÇOS	1924	O JORNAL
CRÍTICO	CRÍTICAS, INFORMATIVAS	1906	O INSTRUCTOR
CRÔNICA	INFORMATIVAS, NOTICIOSAS E CULTURAIS	1953	CORREIO DA PARAÍBA
CULTURAL	INFORMATIVAS, CULTURAIS E NOTICIOSAS	1959	BOLETIM CULTURAL
ECONÔMICOS	POLÍTICAS E ECONÔMICAS	1910	O CENTRO
ESTUDANTIL	INFORMATIVAS	1906	A GAZETINHA
FESTIVOS	INFORMATIVAS, DIVULGATÓRIAS	1926	BA-TA-CLAN
INDEPENDENTE	POLÍTICA E NOTICIOSA	1908	O NORTE
INFORMATIVO	CRÍTICAS, INFORMATIVAS, POÉTICAS	1901	O MONÓCULO
LITERÁRIO	CRÔNICAS, INFORMATIVAS, POÉTICAS, LITERÁRIOS	(1902-1904-1924-1928-1988-1991)	O COMBATE
POLÍTICO/NOTICIOSO	CRÔNICAS, INFORMATIVAS, POÉTICAS, CRÍTICAS	1907	A REPÚBLICA
RELIGIOSO	RELIGIOSAS, NOTICIÁRIAS E DIVULGATÓRIAS, POÉTICAS	1904	VOZ DA SOCIEDADE

Fonte: Acervo resultante da pesquisa 2024–2025. Elaborado pela autora na plataforma de armazenamento Google Drive.

Assim, no caso dos jornais impressos, a presença ideológica não se limita aos textos editoriais ou às colunas opinativas, mas atravessa também reportagens, crônicas, notas informativas, e publicidades veiculadas pelos periódicos. Essa dimensão ideológica manifesta-se, inclusive, em produções de cunho poético, como no jornal *A Imprensa* (1897-1933), cujas colunas líricas expressavam a orientação religião católica que caracteriza o periódico. A diversidade de narrativas identificadas nos periódicos paraibanos conforme apresentado na Figura 4, evidencia a multiplicidade discursiva presente na imprensa do estado, contemplando registros informativos, críticos, culturais, religiosos, políticos e literários.

4.1 PANORAMA IDEOLÓGICO DA IMPRENSA PARAIBANA

A imprensa paraibana do século XX caracterizou-se por uma expressiva diversidade ideológica em contraste com o século XIX, no qual existia uma prevalência pela orientação política. Tal transformação refletia-se nos diferentes tipos de periódicos que circularam no estado. Jornais políticos, religiosos, operários, literários, institucionais, humorísticos, festivos e independentes coexistiram, expressando interesses, valores e visões de mundo distintas através de seus escritores.

Nesse contexto, a ideologia operou como elemento estruturante da informação jornalística, orientando a seleção dos acontecimentos, a abordagem temática que seria adotada, e os discursos presentes nos periódicos. Ao mesmo tempo em que determinados jornais contribuíram para a consolidação de memórias oficiais do estado, outros se constituíram como espaços de resistência e visibilidade de grupos historicamente marginalizados a exemplo de *A Ordem* (1934), jornal maçônico de Campina Grande, que à época sofreu duramente perseguições por líderes da igreja Católica local. O jornal surgiu com a proposta de defender-se e evidenciando a seriedade de suas práticas sociais.

Com vistas a representar visualmente essa diversidade ideológica, elaborou-se um panorama que sintetiza as distintas narrativas e posicionamentos identificados nos periódicos analisados, conforme apresentado na Figura 5:

Figura 5- Panorama Tipológico e Ideológico da imprensa paraibana no século XX.



Fonte: Dados da pesquisa (2024-2025). Elaborado pela autora na plataforma Canva, 2026.

Esse panorama visual evidencia a expressiva diversidade tipológica e ideológica que caracterizou a imprensa paraibana ao longo do século XX, revelando a multiplicidade de projetos editoriais, interesses sociais e posicionamentos políticos que atravessaram a produção jornalística no Estado.

Observa-se a predominância de jornais de cunho literário, noticioso e crítico, bem como a presença significativa de jornais informativos e políticos, ao lado de publicações vinculadas a entidades públicas, religiosas, movimentos sindicais, trabalhistas, agrários, publicitários e culturais. Essa diversidade confirma que a imprensa paraibana não caracterizou por uma produção jornalística uniforme, mas como um espaço de múltiplas ideologias, no qual diferentes grupos sociais buscaram representar cada um as suas visões de mundo através de seus periódicos e daquilo que era escrito ou defendido.

Do ponto de vista memorial, tal diversidade reforça a compreensão dos jornais como registros infomemoriais, pois ao mesmo tempo em que informam, preservam marcas das suas relações de poder, dos silenciamentos e das representações sociais de seu tempo, evidenciando que os fazeres jornalísticos não se dão de forma neutra.

5 PERSPECTIVA INFOMEMORIAL DA BIBLIOTECONOMIA

A preservação da memória é um pilar indissociável da Biblioteconomia que envolve salvaguarda de documentos, histórias orais e acervos institucionais. Nessa esteira, os jornais impressos do século XX configuram-se como documentos de elevado valor histórico, informacional e memorial, cuja preservação constitui condição fundamental para garantir o acesso às memórias sociais do cotidiano neles inscritas. Diferentemente de abordagens centradas exclusivamente no conteúdo jornalístico ou em sua dimensão histórica, o olhar da Biblioteconomia dirige-se aos jornais enquanto suportes materiais da informação, enfatizando os processos de organização, conservação, preservação e acesso desses registros ao longo do tempo.

Na visão de Ortega y Gasset (1994, p.19), a missão do bibliotecário decorre da necessidade social à qual a profissão serve, evidenciando seu papel de mediação entre a produção e a disseminação do conhecimento. Em diálogo com essa perspectiva, Suzanne Briet (2016), amplia a compreensão de documento ao defender que evidências materiais passam a ser reconhecidas como documentos quando inserida em sistemas de organização, interpretação e uso social. Nessa perspectiva, os jornais impressos podem ser compreendidos não apenas como suportes

informacionais, mas como evidências documentais que materializam experiências, discursos e representações de uma época.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, especialmente por meio de visitas *in loco* a instituições de memória responsáveis pela salvaguarda da imprensa paraibana, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), foi possível constatar a fragilidade das condições de conservação de parte significativa desses acervos. Muitos exemplares apresentam danos físicos, como rasgos, manchas, fragilidade do papel e sinais de deterioração⁵, evidenciando riscos concretos de perda irreversível desses registros e de outros, como também resultar na saúde dos usuários. Tal realidade reforça a urgência de políticas de preservação documental e da atuação qualificada de profissionais da informação comprometidos com a salvaguarda da memória jornalística que compõe a identidade do Estado.

Nessa travessia, a Biblioteconomia, enquanto campo que se aproxima da Ciência da Informação, desempenha papel central na mediação entre a memória materializada nos documentos e o acesso público à informação. Para além disso, a formação acadêmica em Biblioteconomia vem preparando profissionais para novos ambientes de atuação, a exemplo dos conhecimentos técnicos e teóricos fundamentais para a preservação e conservação de acervos, como aqueles relacionados ao controle ambiental, acondicionamento, higienização e manuseio de documentos, conforme orientações presentes em manuais técnicos e estudos especializados (Spinelli; Brandão; França, 2011; Calol, 2013).

Tais saberes mostram-se indispensáveis tanto para a compreensão dos processos de deterioração quanto para a implementação de estratégias que assegurem a longevidade dos jornais impressos. Nesse percurso, Miriam Cunha (2003, p.4) destaca que “as funções exercidas pelos bibliotecários são cada vez mais diversificadas”, ressaltando que diante dessa diversidade, torna-se essencial preservar o compromisso social da profissão, especialmente no que se refere à

⁵ Preservação e a conservação de documentos em papel exigem um conhecimento amplo sobre as deteriorações que os atingem. Estas em geral são de naturezas diversas e, também costumam apresentar diferentes causas. Na maioria das vezes acarretam imperfeições capazes de, em determinados casos, gerarem a destruição total do documento ou peças. Spinelli, Brando e França (2011, p. 9).

preservação e ao acesso à memória. Destaca-se, ainda, a atuação de bibliotecários envolvidos em práticas de preservação da memória, cuja intervenção contribui para a salvaguarda da identidade cultural e da história, atuando como forma de resistência ao esquecimento. Nesse sentido, evidencia-se a trajetória bibliotecária paraibana Zila da Costa Mamede, cujo legado na preservação da memória cultural no Rio Grande do Norte permanece como referência. De modo semelhante, docentes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba desenvolvem práticas voltadas à preservação da memória documental e informacional, contribuindo assim para a formação crítica de profissionais atentos à salvaguarda de registros históricos.

As experiências acadêmicas conduzidas por professoras como Bernardina Freire evidenciam o papel da Biblioteconomia para além do perfil institucional tradicionalmente associado às atuações em bibliotecas, mas estendendo-se a arquivos, instituições de memória, museus, coleções especiais e projetos de preservação documental. Colaborando com a preservação da memória materializada em documentos impressos, especialmente no que se refere à conservação, organização e acesso a acervos jornalísticos. Essas iniciativas reforçam que o exercício bibliotecário contemporâneo se configura como prática interdisciplinar e social, voltada também à salvaguarda e a ao acesso ao patrimônio cultural.

Assim, ao considerar os jornais impressos do século XX sob a perspectiva infomemorial, não significa apenas conservar papéis e tinta, mas intervir ativamente nos processos que compõe a sociedade paraibana. Ao selecionar, organizar, descrever e disponibilizar documentos, o bibliotecário participa da mediação entre o passado e presente e influencia as possibilidades de leitura interpretação e acesso à informação futura. Nessa esteira, a preservação desses periódicos constitui condição essencial para a continuidade da memória social da Paraíba.

E garantir que tais registros não se percam diante do compasso do tempo e da fragilidade material presentes em suas páginas, isso implica em reconhecer seu valor histórico e documental, reconhecimento esse, que carece de políticas públicas efetivas e permanentes no tratamento desses acervos. Iniciativas como a Rede Memorial do Líber, vinculada à UFPE, responsável pelo restauro e digitalização do *Diário de Pernambuco* (1825), considerado o mais antigo periódico em circulação da

América Latina, demonstram na prática a importância de ações estruturadas de salvaguarda que podem servir de incentivo.

Sabe-se que há jornais, como *A União* (1893), em processo de digitalização de seus acervos, contudo, existem coleções ainda mais extensas que, por falta de tratamento adequado ou de restauro, e em razão da ação do tempo encontram-se em avançado estado de deterioração. Diante desse cenário, torna-se imprescindível a implementação de medidas contínuas de modo que esses escritos da história permaneçam acessíveis às gerações futuras, possibilitando novas leituras, interpretações e ressignificações da história da imprensa paraibana. Assim reconhecemos que preservar, nesse contexto, é também uma escolha política e um compromisso com o direito à memória.

6 NO COMPASSO DO TEMPO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas, ao longo deste estudo evidenciam que a imprensa paraibana do século XX é um lugar de memória e um espaço diverso, no qual diferentes projetos editoriais, posicionamentos ideológicos e interesses sociais se materializaram e se misturam em múltiplas narrativas jornalísticas. Nesse contexto, os periódicos analisados ultrapassam a condição de simples veículos informativos, configurando-se como registros de memória capazes de testemunhar práticas sociais, disputas discursivas e modos de representação do cotidiano paraibano ao longo do tempo.

Ao analisar tais dimensões, este artigo buscou responder à questão que o norteou compreender que a memória da imprensa paraibana é construída e atravessada por ideologias evidenciando que a produção jornalística participa ativamente da seleção do que é lembrado, do que é silenciado e das formas pelas quais o passado é narrado, interpretado e compartilhado socialmente. A partir do diálogo interdisciplinar entre História, Jornalismo e Ciência da Informação, foi possível compreender que a diversidade tipológica e ideológica dos jornais não apenas informa sobre o passado, mas também contribui para a construção da memória social, ao registrar acontecimentos, vozes e perspectivas situadas em determinados contextos históricos.

Tal constatação reforça a necessidade de reconhecer os periódicos como patrimônio documental e cultural, cuja preocupação com a preservação se apresenta como condição fundamental para a continuidade das memórias coletivas presentes nesses registros que constituíram a identidade histórica paraibana. A atuação bibliotecária, reafirma o papel social dos profissionais da informação na salvaguarda desses acervos, destacando que os processos de organização, conservação e acesso não se caracterizam apenas como práticas técnicas, mas como ações que interferem diretamente nas possibilidades de permanência, visibilidade e disseminação de sua memória.

Nesse sentido, compreender a imprensa paraibana implica também reconhecer os desafios envolvidos em sua preservação, direcionado a urgência de políticas institucionais, investimentos e iniciativas colaborativas que assegurem a permanência desse patrimônio documental como fonte de memória, contribuindo na pesquisa e conhecimento. Assim, enquanto futura bibliotecária inserida no campo da memória, este estudo se torna como um gesto de compromisso com a preservação e com a ampliação das possibilidades de acesso às narrativas que compõem a história da imprensa paraibana.

Ao reconhecer que a memória é atravessada por disputas, ausências e silenciamentos, reafirma-se a importância da atuação bibliotecária na mediação desses registros, contribuindo para que os escritos do passado permaneçam disponíveis, interrogáveis e abertos a novos estudos. Preservar, nesse contexto, não significa apenas guardar documentos, mas participar ativamente do enfrentamento do esquecimento e na construção de horizontes mais inclusivos para a memória social.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Fátima. **Paraíba**: imprensa e vida. 2 ed. Campina Grande: Grafset, 1986.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2 ed. São Paulo: difusão européia do livro, 1967. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/o-segundo-sexo-2.pdf> Acesso em: 27 Fev. 2026.

BOSI, Éclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Atelie Editorial, 2003.

BRASIL. Lei nº 972, de 17 outubro de 1969. **Diário oficial da república federativa do brasil**, Brasília, DF, 17 de Out.1969. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d83284.htm Acesso em: 09 Jun. 2025.

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Brasília: Briquet lemos, 2016.

CALLOL, Milagros vaillant. **Biodeterioração do patrimônio histórico documental: alternativas para eliminação e controle**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CARTAXO, Francisco franssales. **A história cajazeirense: imprensa antiga em cajazeiras**. Disponível em: <https://historiacajazeiras.blogspot.com/2012/05/imprensa-antiga-em-cajazeiras-2.html> Acesso em: 20 Dez. 2025.

CERVO, Amado. L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 8, n., 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/206975> Acesso em: 27 Dez. 2025.

DINES, Alberto. **Empastelamento, modo de emprego**. Observatório da imprensa: você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/empastelamento-modo-de-emprego/> Acesso em: 27 de Fev. 2025.

DUARTE. Constância lima. **Imprensa feminina e feminista no brasil, século XIX: dicionário ilustrado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MARTINS, Eduardo. **Primeiro jornal paraibano**. João Pessoa: A União, 1976.

FAUSTINO, Joyce Mireli de. **Registro de memória: jornais impressos e jornalistas na paraíba do século XX**. Relatório final de iniciação científica. João Pessoa, 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LEAL, José. **A imprensa na paraíba**. João Pessoa: A União, 1978.

LOBATO, Vivian da Silva. **Educação, memória e história: possíveis enlaces**. Margens, online, v. 8, n. 10, p. 65-75, jan. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v8i10.2706>. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12848>. Acesso em: 12 jan. 2026.

MAIOR, Gilson Souto. **História da imprensa na paraíba: jornais e revistas.** Campina Grande: Eduepb, 2023.

MOREL, Marco. **O surgimento da imprensa no brasil: questões atuais.** Dossiê: história e imprensa. Maracanan, Rio de Janeiro, n° 3, pp. 17-30, 2005/2007.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Proj. História, São Paulo, (10), dez. 1993.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de *et al.* **Patrimônio, informação e memória: tríade para a construção e fortalecimento identitário.** João Pessoa: Editora ufpb, 2019.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Tinta sobre papel: informação epistolar ou egodocumento como informação do eu. **Revista Fontes Documentais**, [S. l.], v. 8, n. Ed. Especial, p. e81252, 2025. DOI: 10.9771/rfd.v8i0.66259. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/66259>. Acesso em: 03 jan. 2026.

ORTEGA Y GASSET, José. **Misión del bibliotecário.** Málaga, abril, 1994.

PÁDUA, Elisabeth Matalo Marchesini. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática.** 2. ed. São Paulo: Papirus, 1997.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

Portal Correio. **Jornalista Paula brandão foi assassinado há 39 anos, em João pessoa.** Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/jornalista-paulo-brandao-foi-assassinado-ha-39-anos-em-joao-pessoa/> Acesso em: 20 Fev. 2026.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escritas de e invenções da subjetividade.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

REZENDE, Milka de oliveira. **Tipos de ideologia: Destutt de Tracy.** Mundo educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/ideologia.htm#:~:text=Ideologia%20neutra,ser%20cientificamente%20conhecidos%20e%20controlados>. Acesso em: 02 Fev. 2026.

SPINELLI, Jayme; BRANDÃO, Emiliana; FRANÇA, Camila. **Manual técnico de preservação e conservação: documentos extrajudiciais.** Ministério da cultura. Fundação biblioteca nacional, 2011. Disponível em: <https://folivm.com.br/wp-content/uploads/2011/04/manual-an-bn-cnj-2011-c3baltima-versc3a3o-2p-folha.pdf> Acesso em: 28 Dez.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** 2 ed. Florianópolis: Insultar Livros, 2005.

Emitido em 14/05/2026

ANEXO Nº 2/2026 - CCSA - CBD (11.01.13.30)
(Nº do Documento: 2)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 14/05/2026 16:46)
LUIZ CARLOS DA SILVA NETO
ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO
3484717

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **2**,
ano: **2026**, documento (espécie): **ANEXO**, data de emissão: **14/05/2026** e o código de verificação: **39e1fab7f0**